



cultural

Caderno Especial do Jornal da APM
Associação Paulista de Medicina

Nº 94

Fevereiro/95

Coordenação:

Guido Arturo Palomba

Sou originário de uma região que se situa ao norte da cidade judaica de Jerusalém e ao sul de Israel e meu povo não é aceito por nenhum dos dois reinos, porque na realidade embora sejamos da mesma crença religiosa não nos aceitam e somos conhecidos como os originários da Samaria.

O nome da nossa região vem desde o tempo dos Macabeus, e assim é conhecida a parte central da Palestina.

Ela compreende o território da tribo de Efraim e uma porção da tribo de Manassés.

É uma das regiões mais férteis e suas cidades mais importantes são Siquem e Samaria, sendo que desta derivou o nome da região, que calculo tenha sido dada pelo rei Omri, onde ele residia.

Durante muito tempo minha terra foi o centro do culto ao Deus Baal, sendo que os profetas de Israel por muitos anos clamaram contra isso.

Por longos períodos foi a Samaria a capital do reino setentrional, e foi sitiada pelo rei Salmanasar e terminou por ser destruída pelo Rei Sargão II da Babilônia.

Na época dos macabeus conseguiu recuperar seu território primitivo, seu brilho e potência como cidade e território independente.

Hircano sitiou nossa cidade durante um ano, mas foi o general romano Pompeu quem a entregou ao reino da Síria, para nosso desgosto e tristeza e automaticamente com a perda de todos nossos direitos.

Todavia, mais tarde o imperador romano César Augusto a deu ao rei Herodes o Grande, ao qual nos encontramos subordinados até o presente.

Relato todas estas coisas, por conhecê-las, visto que por muitos anos fui um professor e me dediquei a estudar e conhecer o passado de minha terra e escrevo para que os futuros homens saibam algo sobre esta terra que admiro e amo e sobre o povo ao qual pertencço.

Disse e repito que somos uma mistura de raças porque o nosso povo foi levado prisioneiro para o reino da Babilônia, restando em nossa região relativamente algumas poucas famílias que conseguiram se esconder pelas montanhas e lá viveram até que os assírios-babilônicos se retirassem.

Esse período de cativo de meu povo durou cerca de setenta anos.

Como a região ficou mais ou menos deserta, esses invasores resolveram enviar para cá homens e mulheres que eram prisioneiros originários de outras nações para povoarem novamente nossa terra.

Com isso nossos antecessores foram se miscigenando com os recém-vindos, mas conseguimos lhes ensinar nossa religião monoteísta e que obedecesse a Lei ditada por Moisés, e por isso somos da mesma crença, mas pelo tempo que ficaram nossos ancestrais escondidos nas montanhas formou-se a região da

Conto nº 13

O ÚNICO QUE VOLTOU

Flierts Nebó (*)

que não havia necessidade de se ir até Jerusalém para se adorar a Javé.

Escolhemos o monte Garizin e ali fazemos nossas ofertas ao Senhor, mas os judeus e israelitas não aceitam esse fato e por isso tampouco nos confraternizamos, mas deveriam levar em consideração que por muitos anos Jerusalém esteve em poder dos inimigos e que nós não podíamos ir até lá, correndo o perigo de sermos deportados como escravos para o reino babilônico.

Somos, em parte, descendentes do povo de Canaã - os cananeus -, que judeus e israelitas conquistaram quando vieram para se estabelecer na terra prometida.

Aí está, mais ou menos em resumo, a mistura de raças que batalharam e constituíram a Samaria, e desdenhosamente somos chamados também por "Cuteus", porque muitos de nossos ascendentes eram originários da cidade de Cuta.

Durante muitos anos lecionei na cidade de Samaria e não sei dizer como um dia amanheci apresentando em meus braços, no ventre e nas pernas umas manchas claras sobre minha pele morena.

Assustei-me no momento em que, sem querer, sobre elas caiu água fervente e eu não senti dor alguma, fiquei alarmado porque sabia que a perda da sensibilidade dolorosa era o prelúdio de uma doença grave.

De fato assim foi; elas aumentaram de tamanho, ulceraram e ao mesmo tempo meu rosto principiou a apresentar uma tumefação, conferindo-me o aspecto da cara de um leão.

Confirmada assim minha doença, fui obrigado a largar o lugar de professor e ao mesmo tempo fui banido da sociedade e expulso da cidade que sempre amei e amo ainda hoje.

Com muita dor no coração afastei-me dos amigos e de minha família para não lhes transmitir o mal que me atacara, assim segui por uma estrada na direção da fronteira da Galiléia e no caminho fui encontrando outros que, como eu, padeciam do mesmo mal.

Pouco a pouco nos fomos agrupando e procurando estimularmo-nos uns aos outros, formando como que uma pequena comunidade dos espúrios cidadãos originários não só da Samaria mas também de outros pontos da Judéia.

e mesmo da Judéia.

Por vezes e principalmente durante a noite, quando estava sozinho chorava por minha sina e sobretudo de saudades de meus entes queridos, que tivera de abandonar e que nunca mais os veria.

Somos agora dez desgraçados, condenados talvez porque tenhamos pecado e assim estamos pagando nossos erros.

Dos dez alguns se encontram já num estado adiantado da moléstia; éramos doze, mas na semana passada dois faleceram durante uma noite e os enterramos o mais profundo possível, para que as hienas e outros animais do deserto não se aproveitassem de seus restos mortais.

Estava ventando muito naquele dia e procuramos nos abrigar do temporal que desabaria no refúgio de uma caverna que existia numa das montanhas.

O vendaval levantou muita poeira e foi através dessa nuvem de pó que notei que vinha um grupo de homens caminhando em nossa direção, sendo que um, relativamente jovem, estava na frente e num determinado momento fez um sinal aos demais para que parassem assim que se deu conta de nossa presença.

Ouvi que ele gritava para os que vinham mais atrás:

- Mestre! Veja aquele grupo de homens, que se escondem dentro daquela caverna... Parece-me que são todos leprosos!

Volto-me para os que estão comigo e digo:

- Parece que alguém importante está se aproximando...

- Quem é? Indaga um deles.

- Não sei... mas ouvi que chamavam alguém de "Mestre" e talvez nos possam dar dinheiro ou comida... Peçamos piedade!

Todos juntos principiamos a gritar com as forças que nos restavam.

- "Mestre... tenha compaixão de nós!"

Notei que um deles, com cabelos e barbas longas de cor castanha, e vestindo um albornoz amarelado, dirigiu-se sozinho para o nosso lado e recuamos assustados, mas vi que nos olhava com carinho e mirou-nos um a um, tendo nos lábios um sorriso cheio de amor e compreensão, e nos disse calmamente:

- "Ide mostrar-vos aos sacerdotes... Abençoamos a todos os que se aproximam de nós..."

ge do grupo comandado por aquele homem, dirigimo-nos para o lado onde fica a cidade de Samaria. Percebi que algo de estranho estava ocorrendo com nosso grupo, pois alguns que para caminhar arrastavam os pés, conseguiram fazê-lo normalmente, ao mesmo tempo em que sinto que o mau cheiro que eu exalava estava diminuindo... olhei para meu braço... as feridas e as manchas estavam desaparecendo como por encanto.

Parei no meio da estrada, enquanto os demais continuaram caminhando na direção da cidade... lentamente, para não ter nenhum desgosto, levantei a barra de minha roupa e vi que também minhas pernas estavam começando a ficar limpas... abri o peito de minha túnica e vi que as feridas que ali existiam haviam desaparecido...

Lentamente passei a mão pelo rosto procurando não ferir os "bubões" que tinha na frente e nas faces, mas não os encontrei... Parecia que toda minha cabeça e o rosto tinham voltado ao que era antes... seria possível?

Não possuía nenhuma placa de metal polido onde pudesse ver meu rosto, mas sentia que todo o meu corpo rejuvenescera e vi que todas as feridas haviam desaparecido completamente.

Olhei para trás e vi que aquele homem que nos mandou que procurássemos os sacerdotes, encontrava-se rodeado pelos seus companheiros e que entravam na caverna para se abrigar da chuva que começava a cair e comiam alguma coisa que tinham retirado de suas sacolas.

Voltei correndo para o lado deles e atirei-me no chão aos pés daquele que chamaram de Mestre e chorando lhe disse:

- Mestre! Muito obrigado... muito obrigado, obrigado mesmo! Não sei como poderei agradecer-lhe o que fez por nós... por mim e pelos outros...

Então ouvi que me perguntava:

- "Mas não eram dez os que se curaram? Onde estão os outros nove?"

Os que o acompanhavam e eu olhamos para a estrada, mas meus companheiros como que haviam desaparecido envolvidos pelas águas movidas pelos ventos que açoitam a tempestade que caía.

Os que estavam ali voltaram-se para o Mestre e disseram:

- Mestre! Ninguém voltou, só este samaritano.

Senti que o albornoz amarelado apontava sua mão sobre meu ombro e me dizia:

- Levanta-te e vá. Tua fé te salvou!

Beije a barra de seu albornoz, recolhi minhas poucas coisas e retornei para Samaria, onde tornei-me um a mais dos que procuram contar o que lhes sucedeu e ao mesmo tempo orar para que aquele homem entre na Glória e no amor de Javé!

(*) Flierts Nebó é médico, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores.

Quando o médico Cesário Motta Jr., acompanhado de sua esposa Da. Adelina Moreira da Silva, chegou à pequena São João de Capivari, no interior da então Província de São Paulo, não imaginava que, com o correr do tempo, iria se transformar no maior benfeitor da cidade, um verdadeiro santo para a população mais pobre e totalmente carente de assistência médica. Recém-formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, turma de 1876 - onde defendeu tese aprovada com distinção, intitulada: "Das condições patológicas da angina do peito, seu diagnóstico e tratamento" - e contando 29 anos, instalou-se numa ampla casa do largo central (antiga praça da Liberdade, hoje Cesário Motta). Nela moravam seus pais Cesário Motta e Clara Cândida Nogueira da Motta, ele também médico. Vocacionado para o exercício da nobre profissão, Cesário Motta Jr. deu asas à sua competência clínica e aos excepcionais dotes de bondade, fruto de um temperamento afável e excelente formação humanística, adquirida desde os tempos do Colégio do Lageado, município de Sorocaba. Durante catorze anos, de 1876 a 1890, exerceu a medicina em Capivari com inextinguível dedicação, fazendo de seus inúmeros clientes, seus amigos.

Por isso mesmo, tornou-se médico famoso em Capivari e toda a região. Impregnado de uma profunda compreensão dos sofrimentos que as doenças acarretam, Cesário Motta Jr. jamais deixou de assistir os pacientes, qualquer hora servindo para atendê-los. Na imprensa anunciava o local e horário das consultas com uma observação: grátis para os pobres. Era o tempo do clínico geral de família. O facultativo não media sacrifícios. E servia para todos os males. Tratava das crianças desde o parto, ministrava os primeiros cuidados e acompanhava seu desenvolvimento. Na idade adulta, acudia nas doenças de qualquer espécie e socorria os acidentados. Tornava-se, assim, grande conhecedor das famílias da cidade, desde os antecedentes hereditários até as características adquiridas, de temperamento e físicas, incluindo o ambiente em que as pessoas viviam. Acabava fazendo parte das famílias, tornando-se um fiel conselheiro e confessor. As pessoas tinham integral confiança no médico: chamado

frequentemente a participar do convívio familiar, era o amigo das horas alegres e tristes.

Cesário Motta Jr. tinha uma larga visão dos deveres do médico. Arrolava, na prática, o ideal da abnegação, mas daquela abnegação que não procura compensações. Não se restringia ao atendimento no consultório ou nas chamadas familiares. Saía a campo para a prática da medicina social; ia ver de perto os problemas que afetavam a saúde da população. Fazia anotações para depois escrever artigos e publicá-los na imprensa local. Chamavam mais sua atenção, as águas salobras, as fossas de quintais, o ajuntamento de moscas transmissoras, o lixo acumulado, a absoluta falta de higiene. Dava, então, a orientação preventiva ou aconselhava soluções para aqueles problemas de higiene e saúde.

Como autêntico artesão da medicina, Cesário ganhou, em Capivari, tamanha celebridade que muitos de seus clientes não queriam outro médico, procurando-o onde estivesse. Assim, e não sem motivo, Cesário Motta Jr. foi indicado pelo Partido Republicano como candidato ao legislativo provincial. Eleito em 1878, vai ocupar a tribuna na Assembléia da Província, para, em memorável discurso, 27 de fevereiro, pedir providências, clamando aos céus pela perda inútil de brasileiros, num avassalador índice de mortalidade infantil. Desponta então o notável estadista de São Paulo, o homem público dedicado aos interesses coletivos. Propõe a criação, em São Paulo, de vários institutos, voltados para o ensino e a pesquisa das ciências naturais, da agricultura, farmácia e medicina. De imediato aconselha a introdução da cadeira de medicina legal, anexa à Faculdade de Direito. Depois, acrescentando "algumas cadeiras, teríamos fundado uma faculdade médica e, com ela, e com a de Direito, pouco faltaria para organizarmos a Universidade paulista".

Em seu relatório de 1894, Cesário Motta Jr. reclamava a fundação de uma Escola de Medicina em São Paulo: o pequeno número de médicos, a maioria diplomata no Rio de Janeiro, destacando a falta de obstetras, que deixava parturientes entregues à "imperícia de mercenárias que, não raro, sacrificam mães e filhos".

Cesário Motta achava que a criação de uma Faculdade de Medicina era "um dos maiores benefícios

***"Cesário Motta Jr.
foi um santo para
a população pobre"***

CESÁRIO M o médico

Roberto Mach

***"Era o estadista
que vislumbrava
as opções do futuro"***

**“Fazia anotações
para escrever
inúmeros artigos”**

MOTTA JR., estadista

Carvalho (*)

**“Na saúde pública
realizou trabalho
de envergadura”**

que se pode fazer a este Estado”. Opinião externada quando ainda ocupava os bancos acadêmicos e “me lembrava saudoso desta terra que eu deixaria por não poder receber, nela, o conhecimento científico que almejava...”. Alargando os horizontes, concluía que a Escola de Medicina, “reunida à de Direito e de Engenharia e teremos uma Universidade”. Era o estadista que vislumbrava o futuro com as realizações dos notáveis Arnaldo Vieira de Carvalho na fundação da Faculdade de Medicina em 1912 e Armando Salles de Oliveira na fundação da Universidade de São Paulo em 1934.

Cesário contava com a garantia das verbas necessárias ao projeto da medicina, com o terreno para a construção (anexo à Politécnica, na Luz) e com a indicação de mestres. Faltava, porém, a decisão política. Não perdia as esperanças. No relatório de 1895 escreve: “Razões de prudência e economia têm influído no ânimo do governo para assim proceder. Continuo, porém, a pensar que temos urgente necessidade da Escola de Medicina”. E acrescenta, “tenho elaborado o respectivo Regulamento, só precisamos, portanto, que seja proferido o *fiat* para surgir a Escola”; ficaria “feliz se as condições financeiras do Estado permitissem realizar o projeto da Escola de Medicina, ainda no presente exercício”. O que na verdade impedia era a difícil situação daquele momento. O erário estadual sofria impactos com os encargos de sustentação bélica. Em setembro de 1893, estourava a Revolta da Armada, chefiada pelo Almirante Custódio José de Mello contra o governo Floriano Peixoto. Embora o centro dos acontecimentos fosse o Rio de Janeiro, Bernardino de Campos tomou as providências para uma eventual defesa do Estado. Segundo Alfredo Pujol, o “Palácio do governo transformou-se num quartel e o Partido Republicano num exército de voluntários”. Compreende-se melhor quando se recorda a austeridade e cuidados no trato com os dinheiros públicos dos antigos governantes de São Paulo. A competência e a tenacidade no trabalho iam vencendo os percalços. Cesário costumava dizer: “É preciso construir enquanto os outros destroem”.

No campo da saúde pública, Cesário Motta Jr. realizou um trabalho de envergadura. A situação sanitária do Estado estava a exigir um grande esforço no sentido de melhorar as condições de hi-

giene e saúde, mediante uma reforma completa. Com agravante, grassava a febre amarela, a varíola e a cólera morbus. As repartições de saúde foram colocadas a serviço do saneamento básico e do combate a doenças. Na rua Florêncio de Abreu funcionava o Laboratório Farmacêutico e a diretoria do Serviço Sanitário sob a chefia do Dr. Sérgio Meira, onde os médicos atuavam como inspetores sanitários e de vacinação; na Rua Pires da Mota (Cambuci), o Instituto Vacinogênico que foi reformado; em Higienópolis foi construído o edifício do Desinfectório central municipal, onde eram destruídos objetos pertencentes aos portadores de doenças contagiosas, mormente roupas pessoais e de cama, e na Av. Municipal (atual Dr. Arnaldo) o Instituto Bacteriológico e o Hospital de Isolamento, estão criados. A importante Reparação de Águas e Esgotos, sob a direção do engenheiro Theodoro Sampaio, funcionava no Bom Retiro e cuidava do Reservatório de águas da Cantareira. Organizou-se um Serviço demográfico-sanitário e elaborou-se um modelar Regulamento Sanitário. Tudo sob a direção superior de Cesário Motta Jr., que visitava as repartições, acompanhando seus trabalhos e pesquisas e debatendo com a direção e inspetores sanitários as melhores soluções.

Em 1895, participou da fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Últimos meses. Cesário Motta Jr. sofreu nos últimos meses de vida o impacto das picuinhas políticas - era grande seu prestígio político-popular no Estado e, naturalmente, seria indicado para suceder Bernardino de Campos na presidência do Estado -, das traições de “amigos”, pessoas que faziam parte de sua estima. Desgostoso, deixou a Secretaria do Interior e retirou-se para o Rio de Janeiro, onde reassumiu sua cadeira de deputado. Pouco depois, ainda abalado pelo trauma psicológico, veio a falecer, aos 50 anos de idade, em 24 de abril de 1897. Seu nome, porém, é perpetuado no Panteão dos grandes valores de São Paulo. Honra e glória ao eminente brasileiro.

(*) Roberto Carvalho Machado é Presidente da Academia Cristã de Letras.

Uma entrevista (anêmica) com o Vampiro

Décio Drummond (*)

O mito do vampiro teve sua origem no século quinze, quando o príncipe Vlad Drakul, da Valáquia, na Transilvânia, região dos Cárpatos da Romênia, ao se empenhar na guerra contra os turcos, em 1462, fincava pessoalmente estacas de madeira no coração de seus prisioneiros. Ao ser aprisionado pelos inimigos, o príncipe teve o fim que dava a seus prisioneiros, morrendo exangue e tendo seu sangue espalhado pelo campo de batalha.

Como todos os mitos, o do vampiro também pode ser explicado racionalmente como sendo a soma de várias ocorrências reais que se transforma em lenda à medida que vai sendo fermentada pela credence popular.

Entre os camponeses daquela região alastrou-se o boato de que o príncipe Vlad passou a vagar à noite, meio morto, meio vivo, à procura de seu sangue. Acresce a circunstância de que existe na Floresta Negra um tipo de morcego que voa sorrateiramente para dentro das casas toscas do povo e que, pousando quase imperceptivelmente, a sua comprida língua no pescoço de quem dorme, suga-lhe o sangue do qual se alimenta, através de pequenas glândulas de sucção existentes na ponta da língua.

Por outro lado, no início do século dezenove passou a chamar a atenção dos médicos uma doença degenerativa do sangue a que denominaram "púrpura idiopática", cujos pacientes necessitavam de constantes transfusões, após as quais se sentiam bem dispostos e cheios de energia, até que sobreviesse nova crise.

Justamente naquela época, estavam sendo realizadas experiências com transfusões, ainda de forma rudimentar, com sangue de animais.

Tantas ocorrências envolvendo sangue, num período histórico tão fértil em invenções e de experimentos científicos, não podiam deixar de estimular a mente crédula e fantasiosa do povo simplório.

O escritor inglês Bram Stoker (1847-1912), ao passar uma temporada naquela região, em 1896, ouviu toda uma fantástica história, já transformada em folclore local. Com sua imaginação estimulada, escreveu seu famoso livro, publicado em 1897, na Inglaterra. Alterou o título de nobreza do príncipe para duque, anglicizou-lhe o nome de Dakul para Dracula, deslocou a sucção do sangue da língua para as duas presas - e deu nascimento a uma das figuras mais célebres da literatura mundial.

Em 1921 foi realizado, na Alemanha, um pequeno filme baseado no livro do Stoker. Foi, porém, uma produção tão amadora e mal feita, que foi totalmente esquecido. Em 1923, também na Alemanha, F. W. Murnau, o mestre do expressionismo cinematográfico, realizou *Nosferatu* (o morto vivo), uma obra de tal forma impactante e bela no uso que faz da luz e das sombras, que logo se tornou uma das obras primas do cinema mundial.

Como não podia deixar de acontecer, o livro de Bram Stoker e o filme de Murnau viajaram para os Estados Unidos. Lá, em 1930, o teatrólogo John Balderston escreveu uma peça, não totalmente fiel ao livro, mas aproveitando as idéias básicas de Stoker e de Murnau. Para o papel de Conde Dracula foi contratado um ator até então obscuro, Bela Lugosi. O espetáculo obteve sucesso de tal forma estrondoso que surpreendeu os próprios produtores. Respeitáveis senhoras na platéia gritavam e desmaiavam durante as representações, a tal ponto que precisou ser montado um plantão médico na sala de espera do teatro, para socorrê-las.

É claro que Hollywood não podia permanecer indiferente diante de tal fenômeno. A peça foi filmada sob a direção de Tod Browning, em 1931, e Bela

Lugosi tornou-se um astro cinematográfico. Desde então o Conde Dracula passou a ser um dos personagens mais utilizados pelo cinema.

Eis que aparece o livro de Anne Rice, *Entrevista com o Vampiro*, obra densa e original, em que a autora, ao se apropriar do mito do vampiro, o que faz, na verdade, é elaborar uma teoria em torno da ansia de imortalidade existente no âmago de cada um de nós. O que é ser mortal? É aprender a construir a existência a partir do conhecimento dos limites angustiados do Tempo? E o que é ser imortal? É poder-se permitir tudo, sem éticas nem medos, justamente por haverem sido vencidas as barreiras do Tempo?

O livro de Anne Rice se alimenta dessa dialética, ao acompanhar o doloroso aprendizado do jovem Louis de Pointe du Lac no mundo dos vampiros.

Quanto ao filme, mais uma vez ficam comprovadas duas verdades incontestáveis: primeira, que nem toda ficção transita bem da literatura para cinema; segunda, que o autor de um romance não é o indicado para escrever o roteiro cinematográfico de seu próprio livro.

O filme *Entrevista com o Vampiro*, roteirizado por Anne Rice, não passa de uma sucessão de efeitos especiais sensacionalistas, uma interminável e cansativa parada de peçoço mordidos.

O diretor, Neil Jordan, que em *Traídos pelo Desejo* conseguiu imprimir uma atmosfera de tensão e expectativa a uma história que, afinal de contas, estava alicerçada apenas sobre uma surpresa, neste *Entrevista com o Vampiro* mostra dispersivo e inconsistente. O tema do vampirismo tem sido tão utilizado pelo cinema, que só mesmo uma abordagem muito original pode retirá-lo do pântano burocrático em que caiu. Nesse sentido, salve Roger Vadim que, com seu *Rosas de Sangue*, de 1963, realizou um filme de vampiro absolutamente insólito, em que não aparece uma única gota de sangue...

Entrevista com o Vampiro ainda tem como agravante a péssima escolha do elenco: Brad Pitt está mais inexpressivo que de costume, como se interpretar um vampiro lhe provocasse *rigor mortis*. O ótimo Stephen Rea aparece apenas numa ponta e Tom Cruise, bem, Tom Cruise é Tom Cruise fazendo caras e bocas vampirescas... Vale a menininha Kirsten Dunst, ela sim, roubando todas as cenas em que aparece, dando à personagem as dimensões hipnóticas de uma ninfeta demoníaca.

A impressão que fica do filme é a de uma entrevista necessitando ela mesma de uma transfusão...

(*) Décio Drummond é professor de Literatura.



Tom Cruise e Brad Pitt

Vida Cultural

No último dia 10 de janeiro, a Associação Médica Brasileira comemorou seu 44º aniversário de fundação. Nesse dia, durante as solenidades alusivas à data, houve, na sede da Entidade, como parte das comemorações, o lançamento do livro "Guia de Medicamentos", do professor Antônio Carlos Zanini. A obra é de excepcional valor para todos aqueles que desejarem compulsar a mais completa base de dados de medicamentos em língua portuguesa. Fácil de consultar, pois os temas estão dispostos em ordem alfabética, chama a atenção do leitor pela quantidade, qualidade e clareza das informações. Facilita, também, porque traz os medicamentos com os nomes genéricos e comerciais, ligando-os às principais patologias. Vale lembrar que a edição está totalmente desvinculada do interesse de produtores ou vendedores de medicamentos. Não faz propaganda de forma alguma. A edição de livros técnicos desse porte depende também do trabalho voluntário de colaboradores, cientistas, educadores e profissionais de áreas ligadas diretamente à medicina. Nesse contexto, especial destaque para **Beno Lucki**, co-editor do livro, pesquisador, mestre em farmacologia. A obra pode ser adquirida na Editora Atheneu, à rua Marconi, 131, 2º andar, fone (011) 255.1606.



O Tênis Clube de Campinas, neste mês de fevereiro, expõe telas de **Ana Palladini**, consagrada artista plástica, mulher do ilustre psiquiatra mocoquense Paulo Palladini.



O acadêmico **Salomão Rabinovich**, da Academia Paulista de Psicologia e diretor do Centro de Psicologia Aplicada ao Trânsito, vem, há 22 anos, estudando o comportamento dos motoristas de automóveis e acaba de lançar um novo tipo de avaliação física, psíquica, emocional e técnico-operacional capaz de indicar com maior segurança se o agente de um acidente de trânsito pode ou não ser responsabilizado pela ocorrência. Está sendo muito útil para a Justiça.



Renato Báez lança mais um livro: "Nos caminhos da trova". É o de nº 36. O primeiro, "Os quinze anos de Maria Tereza", se deu em 1957. Parabéns, desembargador Báez.



Os historiadores ganharam mais um grande livro com a publicação de "A Capitania do Espírito Santo e seus Engenhos de Açúcar (1535-1700)", de **José Gonçalves Salvador**. Fruto de minudente pesquisa, o autor microfilmou os documentos dos séculos XVI e XVII guardados em três caixas metálicas que encontrou no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, para estudá-los e compará-los com outros documentos colhidos nos célebres arquivos da Torre do Tombo, Biblioteca Nacional do Palácio da Ajuda, Alfândega Geral de Lisboa e Biblioteca Nacional de Portugal. Como resultado, nasceu o primoroso livro que ora lança, com o apoio da Secretaria de Produção e Difusão Cultural e Departamento Estadual de Cultura.

G.A.P.